

Um estudo sobre o suicídio em Toledo/PR: regularidades, recorrências e tendências num cenário de transformações sócio-econômicas (1954 a 2002)

Keila Rodrigues de Souza¹

Yonissa Marmitt Wadi²

Jefferson Andronio Ramundo Staduto³

RESUMO

O suicídio é um fenômeno bastante antigo e revelador, que ao ser estudado a partir da perspectiva social que analisa os registros deste tipo de óbito considerando as especificidades históricas e diferenciações entre sociedades e comunidades, pode ser mais bem compreendido. Este texto tem assim, como objetivo, a exposição dos resultados de um estudo exploratório sobre o fenômeno social do suicídio na cidade de Toledo/PR, entre os anos de 1954 e 2002. A partir da construção de uma série histórica, baseada em dados oriundos de Inquéritos Policiais sob guarda do Núcleo de Documentação, Informação e Pesquisa – NDP da UNIOESTE e Fórum da Comarca de Toledo e de relatórios do Instituto Médico Legal da cidade, busca-se entender o fenômeno social do suicídio à luz da bibliografia de referência, descrevendo-o e estabelecendo regularidades, recorrências e tendências de sua ocorrência. A região onde está inserida a cidade de Toledo - o oeste paranaense - foi marcada por transformações sócio-econômicas que ao longo dos anos alteraram seu perfil, tais como, o processo de modernização da agricultura, o êxodo rural, a urbanização e o desemprego. Enfatiza-se a relação destas transformações – que atingiram especialmente os habitantes do campo – e as taxas de suicídio verificadas.

Palavras-chave: suicídio; Toledo; transformações sócio-econômicas.

¹ Bacharel em Ciências Sociais. Mestranda em Desenvolvimento Regional e Agronegócio na UNIOESTE/ Toledo. Membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Relações de Gênero e Memória. E-mail: keila.rs@bol.com.br. Rua da faculdade, 645 Jd. La Salle CEP: 85.903-000 Toledo-PR.

² Doutora em História Social; Professora do Curso de Ciências Sociais e do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE – membro do Grupo de Pesquisa Cultura, Relações de Gênero e Memória. E-mail: yonissa@unioeste.br. Rua da faculdade, 645 Jd. La Salle CEP: 85.903-000 Toledo-PR.

³ Doutor em Economia Aplicada - Professor do Curso de Ciências Econômicas e do Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio da UNIOESTE – membro do GEPEC. E-mail: staduto@unioeste.br. Rua da faculdade, 645 Jd. La Salle CEP: 85.903-000 Toledo-PR.

ABSTRACT

A STUDY ABOUT SUICIDE IN TOLEDO/PR: REGULARITIES, TENDENCIES AND OCCURRENCE, IN A SCENERY OF SOCIAL-ECONOMIC TRANSFORMATIONS - The suicide is an old and revealing phenomena. When studied from the social perspective that analyses this kind of death considering the historical specifications and differentiations among the societies and communities it can be better understood. Thus, this text has as objective the result of an exploratory study on the social phenomena of suicide in the town of Toledo - PR between 1954 and 2002. From the creation of a historical series based on derived data of Police Inquiry kept by the Documentation, Information and Research Center - NDP of State University of West Paraná (UNIOESTE) and the Court House of the Municipality of Toledo plus reports of the Legal Medical Institute of the city. The study was conducted in search of understanding the social phenomena of the suicide, based on the bibliographical reference, describing it and establishing regularities, and tendencies of its occurrence. A reality marked by social and economic transformations that along the years alter the profile of the city and the region in which it is located, as well as the agricultural modernization, rural exodus, urbanization, unemployment emphasize the relations of these transformations that have struck mainly the rural dwellers and the rates of suicide verified.

Keywords: suicide; Toledo; social and economical transformations.

Introdução

Este texto tem como objetivo a exposição dos resultados de um estudo exploratório sobre o fenômeno social do suicídio na cidade de Toledo/PR, entre os anos de 1954 e 2002. Busca-se entender tal fenômeno à luz da bibliografia de referência, bem como descrevê-lo estabelecendo suas regularidades, recorrências e tendências, numa realidade marcada por transformações sócio-econômicas que alteraram o perfil da cidade e da região em que ela se insere - o oeste paranaense -, tais como, o processo de modernização da agricultura, o êxodo rural, a urbanização, o desemprego, entre outros fatores importantes.

Ato pelo qual o indivíduo procura voluntariamente a morte, o suicídio é um fenômeno antigo, curioso e revelador, pois se estudado por uma vertente social, é possível, através de análise dos dados somados às especificidades históricas e diferenciação de sociedades, fazer uma leitura das relações vivenciadas pelas comunidades. Acontecimentos e situações referentes à vida em sociedade e comunidades específicas podem ser responsáveis por variações no número de mortes, tanto por suicídio quanto por homicídio.

O sociólogo francês Émile Durkheim em seu livro *O Suicídio*, escrito em 1897, estudou pela primeira vez sistematicamente o problema, analisando a disposição social para o fenômeno, a tendência dos grupos sociais para o suicídio isolada de suas manifestações individuais. Sua obra demonstrou a importância de trabalhos empíricos para uma melhor compreensão da realidade do fenômeno social.

Ao estudar o suicídio, um ponto importante a se considerar é a dificuldade de dimensioná-lo, sendo quase sempre os dados registrados falhos e as taxas oficiais precárias. Como bem afirma Minayo (1998), os motivos para tal situação são vários:

De um lado, todas as informações sobre violência no país padecem de imprecisão na sua fonte de produção: polícia, institutos de medicina legal, sem falar na ausência total de dados por não haver registro devido à existência de cemitérios clandestinos, destruição de cadáveres e outros. De outro lado, fatores sócio-culturais têm um peso muito grande nos sub-registros, quando particularmente os familiares tentam mascarar a existência do suicídio, para não revelarem problemas relacionais e dificuldades nucleadas por seu membro suicida, assumindo o ato como pertinente à esfera privada (MINAYO, 1998, p. 7).

Porém, mesmo com todos os empecilhos possíveis, como os sub-registros onde o suicídio é computado muitas vezes como acidente ou ainda, a inexistência de qualquer registro, é possível fazer uma análise sondando fatores sociais que podem trazer indicativos importantes na compreensão desse fenômeno. Afinal a história regional é capaz de revelar aspectos que não foram observados em análises mais gerais, porque para analisar um fenômeno tão amplo é importante partir de um ângulo de visão que faça aflorar o específico, conhecendo assim as semelhanças e as diferenças de grupos sociais, grupos profissionais, faixas etárias, sexo, etnias e muitas outras variáveis significativas.

A região Oeste do Paraná, num espaço de cinco décadas passou por um grande crescimento, tanto populacional quanto econômico. De perfil majoritariamente rural, o processo de modernização agrícola sofrido pela região a partir dos anos 1970, produziu novas e profundas transformações nesta sociedade, deslocando o eixo de relações e representações sociais preexistentes e imprimindo novas relações de forças regionais.

A relação entre tais fatores, ou seja, as transformações sócio-econômicas e o suicídio, foram discutidas a partir da bibliografia de referência. Neste sentido apresentamos, antes mesmo da análise dos dados, uma revisão da literatura sobre o tema, destacando as principais contribuições vindas de campos diferentes do conhecimento, como a psicologia ou a psiquiatria, dando especial destaque às contribuições sociológicas, referências fundamentais deste texto.

2 Procedimentos metodológicos

A delimitação temporal do estudo foi estabelecida inicialmente pela possibilidade de acesso aos inquéritos policiais dos anos de 1954 (ano da criação da Comarca de Toledo) a 1979, que estão sob a guarda do Núcleo de Documentação Informação e Pesquisa - NDP, da UNIOESTE / Campus de Toledo. Por uma exigência do Código de Normas da Corregedoria de Justiça, só estão sob guarda do referido núcleo, os inquéritos e processos que haviam sido arquivados há pelo menos 20 anos. O levantamento dos inquéritos, referentes ao período 1980-1993, foi realizado diretamente no Fórum da Comarca de Toledo. O acesso a tais documentos foi difícil, uma vez que estão 'entulhados' em uma sala

muito pequena, sem ventilação alguma e onde ficam depositadas todas as armas e objetos apreendidos pela justiça. Houve grande dificuldade em localizar os inquéritos e acabamos por pesquisá-los apenas até o ano de 1993. No sentido de sanar possíveis falhas na série recorreremos ao Instituto Médico Legal de Toledo (IML). Entretanto, em decorrência de um incêndio ocorrido alguns anos atrás em suas dependências, restam lá laudos somente a partir de meados de 1993. A idéia de cruzar informações acabou por ser substituída pela possibilidade de verificar-se as informações contidas nos laudos do IML, de 1994 até o ano de 2002.

A impossibilidade de construir séries confiáveis fez com que deixássemos de lado a idéia inicial de utilizar dados referentes a outras cidades da microrregião de Toledo⁴, que durante alguns anos fizeram parte da Comarca de Toledo, como Marechal Cândido Rondon e Palotina. Desta forma, optamos por trabalhar com um período longo – 1954 até 2002 –, mas tendo como base somente a cidade de Toledo para a qual foi possível construir uma série contínua e confiável. De qualquer forma em alguns momentos utilizamos os dados referentes a estes municípios de forma comparativa.

3 O Suicídio: uma revisão bibliográfica sobre o tema

Neste tópico buscamos mostrar brevemente como o suicídio é interpretado por diferentes autores em suas variadas áreas de estudo, analisando-se as contradições e semelhanças havidas nas explicações de ordem psicológica bem como sociológica, bem como trazendo para o centro do debate a principal obra sociológica sobre o suicídio, o clássico *O Suicídio*, de Émile Durkheim.⁵

O suicídio, ao ser encarado como de natureza puramente individual, põe a psicologia no centro da discussão, pois conforme Angerami-Camon (*apud* NUNES et al., 2001) a sociedade em que vivemos é demasiado conflitiva, por isso não se pode falar em existência humana sem tocar em temas como tédio, solidão e depressão. Segundo o autor, se o indivíduo busca o suicídio, não é a morte que busca encontrar, mas sim a fuga do que lhe causa sofrimento.

O foco na complexidade psicológica define a depressão e outras formas de doença mental, como estando no âmago de muitos suicídios, pois estes distúrbios viriam acompanhados de um desespero terrível, trazendo a desesperança, a confusão e um impulso incontrolável. O alcoolismo poderia causar a maioria dos sintomas de depressão e, a uma depressão muito grave, poderiam seguir-se períodos prolongados de bebedeira. A combinação álcool/depressão estaria envolvida na maioria dos suicídios. A autora Kay Jamison (2002) defende esta tese em sua obra *Quando a noite cai: entendendo o suicídio*, apresentando dados e afirmando que “Diversos estudos na Europa, Estados Unidos, Austrália e Ásia mostraram a presença inequívoca de psicologia grave naqueles que

⁴ A microrregião de Toledo faz parte da mesoregião Oeste do Paraná e é composta por 21 municípios, como a cidade sede Toledo, bem como Marechal Cândido Rondon e Palotina.

⁵ A obra *O Suicídio* de Émile Durkheim, foi publicada pela primeira vez em 1897. Utilizamos para efeito de citação neste trabalho a versão publicada em 1996, conforme referências bibliográficas.

morrem pelas próprias mãos; de fato, em todas as principais investigações até hoje, 90 a 95% de pessoas que cometeram suicídio tinham doença psiquiátrica diagnosticável”. (JAMISON, 2002, p.80)

Como uma doença mental, a natureza familiar do suicídio é estudada pela classe médica desde longa data. O médico britânico Forbes Winslow, por exemplo, declarou em 1840 que:

Com referência ao suicídio, não existe nenhum fato que tivesse sido estabelecido mais claramente do que o de seu caráter hereditário. De todas as doenças às quais os diversos órgãos estão sujeitos, não existe nenhuma mais geralmente transmitida de uma geração a outra do que as afecções cerebrais. A disposição suicida não se manifesta necessariamente em cada geração; ela costuma pular uma e ressurgir na seguinte, como insanidade não atendida em sua propensão. (*apud* JAMISON, 2002, p.130)

Os critérios médicos e psicológicos admitem que nenhuma doença ou evento causa suicídio, mas entendem que “a psicopatologia está quase sempre presente, e sua fatalidade é aterradora” (JAMISON, 2002, p. 67). Admitem também que as motivações para o suicídio são na verdade enfatizadas pelas próprias culturas.

O sociólogo francês Émile Durkheim, em sua obra *O Suicídio* (1996), dedicou-se ao tema buscando explicar sociologicamente um evento que aparentemente depende quase exclusivamente de fatores pessoais, psicológicos mas que, segundo o autor, expressa uma maneira de desfazer-se de laços que unem os indivíduos em sociedade. Durkheim foi o autor que trouxe para o debate da sociologia este fenômeno até então visto por um prisma totalmente médico ou psicológico. Escrito há mais de um século *O Suicídio* é uma obra histórica, na medida em que constata o crescimento das taxas de suicídio no decorrer do século XIX na Europa, um século de profundas transformações no modo de produção e nas relações sociais de trabalho.

O intuito do autor era mostrar que o fenômeno do suicídio estava ligado a forças sociais que transcendem a esfera do sujeito. Contra uma idéia de suicídio como desvio, fruto de doenças mentais, Durkheim descreveu o suicídio como fato normal da cultura. Entretanto, o que ele buscou mesmo foi discutir a sua causalidade e, para tanto, apontou a necessidade de tratar o suicídio de forma coletiva. Não negava a existência do fator psíquico, mas separava a forma de vida social da individual, pois segundo o autor, o suicídio só poderia ser atribuído como fator extra-social se fosse de grande generalidade. Fatores como loucura, raça, hereditariedade, clima, imitação, não seriam resultados de qualquer influência coletiva. Afirmava que não existe nenhum estado psicopático que mantivesse com o suicídio uma relação regular e incontestável (ao analisar a loucura), da mesma forma que não encontrou relação com os estados psicológicos normais (raça, hereditariedade, nem com a imitação). Não seria então a diferença de raças que poderia constituir a causa do suicídio, porque as raças podem se misturar, se perdendo umas nas outras, o que poderia influenciar era a civilização no seio da qual são educados os indivíduos.

Durkheim verificou também o fator hereditário, afirmando que, se um indivíduo que

tem na sua família simultaneamente loucos e suicidas, se mata, não é porque os pais se mataram e sim porque eram loucos.

O psicanalista Roosevelt Cassorla (*apud* MINAYO, 1998) acredita que a relação dos atos suicidas com o uso do álcool é bastante evidente, pois é comum o indivíduo estar alcoolizado durante o ato suicida. Durkheim, porém, não acredita na existência de tal relação, admitindo sim, que o sujeito alcoolizado se mata com mais facilidade do que o indivíduo não alcoolizado, mas isso não significa que ele se mate devido a este estado.

A obra *O Suicídio* está dividida em três partes, além de uma introdução onde o autor situa a necessidade de construir o objeto de estudo e formula uma definição de suicídio bastante abrangente que inclui fenômenos aparentemente dessemelhantes entre si: "Chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, ato que a vítima sabia dever produzir este resultado" (DURKHEIM, 1996, p. 10).

Segundo Durkheim, os suicidas não constituem um grupo isolado, mas ao contrário, estão ligados a uma série contínua de intermediários porque a relação de causalidade pode ser indireta, porém o fenômeno não se altera na sua natureza. Para o sociólogo, cada sociedade tem uma predisposição ao suicídio, este, portanto, deve ser visto como de natureza eminentemente social, quando considerarmos o conjunto dos suicídios cometidos em uma mesma sociedade durante uma dada unidade de tempo. O suicídio vai depender das condições sociais, ou seja, as causas de morte estariam muito mais fora do que dentro de nós.

Em sua investigação Durkheim estabeleceu uma tipologia, tratando das causas sociais e tipos sociais, determinando um método para análise de diversos tipos de suicídio. Cada grupo social apresenta uma tendência específica para o suicídio, diz o autor, dependendo necessariamente das causas sociais, o que constitui um fenômeno social. Afirma não ser possível classificar as formas e os tipos que o suicídio pode tomar, como método de chegar às suas causas, pois caso isso ocorresse haveria a necessidade de muitos casos particulares. E ao invés disso, classifica os suicídios segundo as suas causas, procurando quais as condições sociais de que dependem. Assim, o fenômeno será reconhecido através de suas causas e não apenas de suas características. Ele considera que é sempre difícil precisar a causa de um fenômeno e assim, as razões com que se justifica o suicídio ou que o suicida arranja para si próprio para explicar o ato (remorso, dor física, desgosto familiar, etc.) na maioria das vezes não passam de razões aparentes, diz Durkheim. Por isso é importante destacar que, para o autor, estudar um fenômeno coletivo torna preciso deixar de lado o indivíduo como tal e pesquisar sobre o estado de diferentes meios sociais (família, grupos profissionais, sociedade política, confissões religiosas, etc.) em função dos quais o suicídio varia. "A taxa social é que se deve tomar diretamente como objeto de análise, é preciso partir do todo para chegar às partes". (DURKHEIM, 1996, p. 130). Durkheim chama de taxa social a intensidade relativa desta aptidão tomando a relação entre o número global de mortos voluntários e a população total.⁶

⁶ Apesar da grande contribuição da obra de Durkheim, cabe ressaltar para o leitor, que a literatura contemporânea tece críticas às suas postulações, apontando os limites da análise, ver mais em Nunes (1998) e Minayo (1998).

4 Descrição dos dados sobre suicídio no município de Toledo (1954 - 2002)

Comparando os dados da cidade de Toledo, com os disponíveis sobre as outras duas cidades com maiores índices de suicídio pertencentes a mesma microrregião e que originalmente compunham a Comarca de Toledo – Marechal Cândido Rondon e Palotina –, verificamos que aquela, durante o período analisado, sempre apresentou os maiores índices. Dos 66 casos de suicídio ocorridos entre os anos de 1954 e 1979, 27 ocorrências foram registradas em Toledo, 17 ocorrências em Marechal Cândido Rondon e 11 ocorrências em Palotina.

Para o período 1980 a 1993 os dados sobre as demais cidades não foram localizados por diversos motivos. Não foi possível, por exemplo, levantar os dados de Marechal Cândido Rondon, tanto em razão do Fórum da Comarca, quanto do Instituto Médico-Legal de Toledo (que atende toda a região) terem sido vitimados por incêndios que destruíram seus acervos. E assim, tornou-se inviável uma comparação para este período.

Assim como no período 1954-1979, no intervalo entre os anos de 1994 e 2002, o índice de suicídios em Toledo foi maior do que nas demais cidades da região, obviamente estando tal relação alicerçada no crescimento populacional do próprio município, que a despeito das emancipações havidas, congrega a maioria da população da microrregião, bem como é seu centro comercial, industrial e de serviços. A cidade de Toledo concentrou assim, nos anos de 1994 a 2002, 71 dos 153 óbitos por suicídio ocorridos na microrregião. Marechal Cândido Rondon ficou em segundo lugar com 59 mortes e Palotina em terceiro com 23 óbitos por suicídio.

A descrição que segue – especificamente sobre a morte por suicídio em Toledo – está amparada nas tabelas (I, II e III) que apresentam as frequências de suicídio registradas na cidade, respectivamente nos períodos de 1954-1979, 1980-1993 e 1994-2002. As variáveis compõem, assim, uma série histórica permitindo acompanhar as tendências do fenômeno nos diferentes períodos e no intervalo todo de análise (1954-2002). As regularidades e recorrências apresentadas serão discutidas num segundo momento, relacionadas às transformações ocorridas na sociedade regional.

No primeiro período (1954-1979), conforme Tabela I foram registrados 27 óbitos por suicídio em Toledo, sendo que 21 dos mortos eram do sexo masculino e apenas 6 do sexo feminino. Quanto a idade, não foi possível classificar 14 ocorrências⁷. Portanto, também não foi possível definir a maior frequência, pois esta falha corresponde a 52% das ocorrências. Nas 48% restantes constatou-se a seguinte realidade: entre indivíduos com idade de 10 a 18 anos ocorreram apenas 2 mortes; entre 19 e 30 anos, 5 óbitos; de 31 a 45 anos, 3 mortes; de 46 a 60 anos, 2 óbitos e acima de 60 anos de idade, apenas 1 morte por suicídio. O maior índice neste período foi verificado, como podemos observar, entre os jovens adultos de 19 a 30 anos. Observamos também que a autoviolência que resulta

⁷ O item 'não consta' é bastante frequente em relação a quase todas as variáveis (idade, profissão, método) nos processos. Falhas e limites no levantamento dos dados são constatadas não só nas informações referentes à cidade de Toledo, mas também são citadas como comuns na bibliografia sobre o tema no Brasil.

em morte predominou entre indivíduos do sexo masculino em todas as idades, salvo na faixa de 10 a 18 anos em que ocorreram somente dois casos, sendo um do sexo masculino e outro do feminino.

Quanto ao estado civil, encontramos um maior número de suicidas entre indivíduos casados (63%), fossem eles do sexo masculino, 12 ocorrências, ou do sexo feminino, 5 ocorrências. Entre os solteiros, os homens também são a maioria dos mortos por suicídio, com 3 ocorrências contra 1 ocorrência feminina. Apenas um indivíduo do sexo masculino, cujo estado civil era desquitado, cometeu suicídio neste período. Porém, em outras 5 ocorrências, não houve registro de estado civil.

Com relação à profissão, os agricultores do sexo masculino constituem a maioria absoluta de suicidas neste mesmo período com 14 pessoas, todas do sexo masculino. As profissões/ocupações femininas que aparecem registradas nas fontes consultadas - em geral remetendo ao trabalho no espaço doméstico - foram agregadas neste trabalho como profissionais do lar ('do lar', 'dona-de-casa', empregada doméstica, 'doméstica', etc.) e aparecem em segundo lugar, com 6 ocorrências. A profissão operário vem em terceiro lugar, com um índice bastante baixo nesta época, ou seja, apenas 1 ocorrência de indivíduo do sexo masculino. Existem ainda 4 registros de suicídio em profissões diversas e 2 ocorrências em que não consta a profissão.

Quanto ao método utilizado para cometer suicídio, observamos que entre indivíduos do sexo feminino predominou o enforcamento, 4 ocorrências (66,7%). Este método ficou em segundo lugar entre os homens, com o registro de 7 ocorrências, e em primeiro lugar ficou o uso das armas de fogo, com 8 ocorrências. Armas brancas (tais como, facas, facões, foices, etc.) foram utilizados por 4 homens, mas por nenhuma mulher, para cometer suicídio. Já o envenenamento (por diferentes produtos) foi utilizado por 2 homens e 1 mulher.

Tabela I - Suicídios Cometidos na Cidade de Toledo/PR - 1954 a 1979

		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Idade	10-18 anos	1	4,8	1	16,7	2	7,4
	19-30 anos	4	19,0	1	16,7	5	18,5
	31-45 anos	3	14,3	0	0,0	3	11,1
	46-60 anos	2	9,5	0	0,0	2	7,4
	acima de 60	1	4,8	0	0,0	1	3,7
	não consta	10	47,6	4	66,7	14	51,9
	Total geral	21	100,0	6	100,0	27	100,0
Estado Civil	Solteiro	3	14,3	1	16,7	4	14,8
	Casado	12	57,1	5	83,3	17	63,3
	Viúvo	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Desquitado	1	4,8	0	0,0	1	3,7
	não consta	5	23,8	0	0,0	5	18,5
	Total geral	18	100,0	6	100	27	100

continua

		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Profissão	Agricultor	14	66,7	0	0,0	14	51,9
	Operário	1	4,8	0	0,0	1	3,7
	Profis. Do lar	0	0,0	6	100,0	6	22,2
	Aposentado	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Outros	4	19,0	0	0,0	4	14,8
	não consta	2	9,5	0	0,0	2	7,4
	Total geral	21	100	6	100	27	100
Método	Arma de fogo	8	38,1	1	16,7	9	33,3
	Enforcamento	7	33,3	4	66,7	11	40,7
	Arma Branca	4	19,0	0	0,0	4	14,8
	Envenenamento	2	9,5	1	16,7	3	11,1
	Total geral	21	100	6	100	27	100

Fonte: Inquéritos Policiais 1954-1980: NDP/UNIOESTE.

No segundo período, referente aos anos de 1980 a 1993, podemos verificar - por meio da Tabela II - a ocorrência do mesmo número de suicídios do período anterior, ou seja, 27 mortes. Porém, uma alteração expressiva diz respeito ao aumento de ocorrências entre o sexo feminino, ou seja, 11 mulheres (contra 6 do período anterior) se suicidaram. As mulheres que antes representavam 21% do total de suicídios agora são 41%. O número de suicídios entre homens apesar de haver diminuído (16 casos neste período contra 21 do período anterior), manteve-se como o índice majoritário, 59% do total de óbitos por suicídio registrados no município neste período.

Quanto às idades, encontramos uma maior frequência de suicidas entre os adultos de 46 a 60 anos, totalizando 9 pessoas; segue-se a faixa de 19 a 30 anos com 8 pessoas, de 31 a 45 com 7 pessoas e acima de 60 anos com 3. Não foi encontrada nenhuma ocorrência na faixa etária de 10 a 18 anos. O suicídio masculino na faixa etária de 46 a 60 anos apresentou a maior frequência, 6 ocorrências. Mulheres adultas, na faixa etária de 19 a 30 anos, constituíram a maior frequência do suicídio feminino, com 4 ocorrências.

Com relação ao estado civil, encontramos um maior número de suicídios entre os casados (18,5%) de ambos os sexos, sendo 11 homens e 7 mulheres, tal como foi observado no período anterior. Entre os solteiros foram 3 os suicídios masculinos e 2 os suicídios femininos. Entre viúvos e desquitados suicidas, encontramos 2 mulheres e 1 homem.

Quanto à profissão, não houve predomínio de nenhuma categoria sobre a outra: foram registradas 5 ocorrências de mortes entre agricultores, sendo 4 homens e 1 mulher; 5 entre operários, igualmente 4 homens e 1 mulher; e 5 ocorrências entre as denominadas profissionais do lar. Também foram registrados 1 óbito masculino e 1 feminino entre denominados aposentados, 4 entre pessoas que não se enquadraram em nenhuma das categorias (como radialista, comerciante, estudante e guardião), sendo destes 3 homens e 1 mulher. O item 'não consta' apareceu no registro da profissão em 6 óbitos.

Observamos que o método mais utilizado foi o enforcamento tanto para o sexo

masculino quanto para o feminino, 9 e 5, respectivamente. Os métodos que vieram em seguida foram a utilização de arma-de-fogo, com 5 ocorrências do sexo masculino e 3 ocorrências do sexo feminino, e o envenenamento, com 2 ocorrências masculinas e 3 ocorrências femininas. Ao contrário do período anterior, não houve nenhuma ocorrência com arma branca registrada.

Tabela II - Suicídios Cometidos na Cidade de Toledo/PR - 1980 a 1993

		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Idade	10-18 anos	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	19-30 anos	4	25,0	4	36,4	8	29,6
	31-45 anos	5	31,3	2	18,2	7	25,9
	46-60 anos	6	37,5	3	27,3	9	33,3
	acima de 60	1	6,3	2	18,2	3	11,1
	nao consta	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Total geral	16	100	11	100	27	100,0
Estado Civil	Solteiro	3	18,8	2	18,2	5	18,5
	Casado	11	68,8	7	63,6	18	66,7
	Viúvo	1	6,3	1	9,1	2	7,4
	Desquitado	0	0,0	1	9,1	1	3,7
	nao consta	1	6,3	0	0,0	1	3,7
	Total geral	16	100	11	100	27	100,0
Profissão	Agricultor	4	25,0	1	9,1	5	18,5
	Operário	4	25,0	1	9,1	5	18,5
	Profis. Do lar	0	0,0	5	45,5	5	18,5
	Aposentado	1	6,3	1	9,1	2	7,4
	Outros	3	18,8	1	9,1	4	14,8
	nao consta	4	25,0	2	18,2	6	22,2
	Total geral	16	100	11	100	27	100
Método	Arma de fogo	5	31,3	3	27,3	8	29,6
	Enforcamento	9	56,3	5	45,5	14	51,9
	Arma Branca	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Envenenamento	2	12,5	3	27,3	5	18,5
	Total geral	16	100	11	100	27	100

Fonte: Inquéritos Criminais- 1980/1993- Fórum da Comarca de Toledo.

No último período analisado - representado pela Tabela III-, os dados se mostraram mais expressivos e diferenciados em relação aos períodos anteriores. O número total de pessoas que cometeram suicídio na cidade de Toledo entre 1994 e 2002 foi igual a 71, sendo que 59 eram indivíduos do sexo masculino e 12 do feminino, representando 83% e 17%, respectivamente.

No que se refere à faixa etária, encontramos uma maior frequência entre os adultos de 31 a 45 anos. Os adultos de 46 a 60 anos vieram em seguida, com 13 ocorrências; entre os indivíduos acima de 60 anos foram registrados 12 óbitos; em quarto lugar ficou a faixa que compreende as idades de 19 a 30 anos, com 7 casos. Em último lugar aparece o grupo que corresponde à faixa etária mais nova, 10 a 18 anos, para a qual foram registrados 6 óbitos. Em todas as idades houve predomínio dos óbitos entre indivíduos do sexo masculino, bem como em ambos os sexos houve o maior número de suicidas na faixa etária de 31 a 45 anos. Nesta faixa etária 14 homens e 5 mulheres cometeram suicídio em Toledo.

Quanto ao estado civil, o maior número de suicídios continuou atingindo os indivíduos casados (52,1%), ou seja, 37 dos 71 mortos eram casados quando cometeram suicídio, sendo destes 32 homens e 5 mulheres. Entre os solteiros encontramos 17 homens e 4 mulheres. Não houve nenhum registro entre viúvos e somente o de um homem desquitado.

Com relação à profissão dos indivíduos que cometeram suicídio não houve predomínio absoluto de casos em nenhuma delas. Mas, os operários homens representaram o maior número de suicidas, 17 ocorrências. Nos períodos anteriores os agricultores apresentavam a maior frequência. Estes vêm a seguir, com 16 ocorrências, sendo que todos eram homens. Existem também 12 registros de pessoas de ambos os sexos que não se enquadraram em nenhuma das categorias, pois são comerciantes, enfermeiras, guardiões, funcionários públicos, locutores, etc. As profissionais do lar, com 7 ocorrências, são a maioria das mulheres. Já entre os declarados aposentados foram registrados 5 ocorrências, sendo todos homens.

Quanto ao método utilizado, houve predomínio do enforcamento (70,4%), sendo que 41 homens e 9 mulheres utilizaram-se deste método para cometer suicídio. Seguiram-se os envenenamentos, com 12 ocorrências. Sendo que destes, 9 homens e 3 mulheres fizeram uso do método. As armas de fogo aparecem em terceiro lugar como método mais utilizado, gerando 8 óbitos, todos entre indivíduos do sexo masculino. Foi registrado apenas um caso de um homem que utilizou-se de arma branca para pôr fim a sua vida.

Tabela III - Suicídios Cometidos na Cidade de Toledo/PR - 1994 a 2002

		MASCULINO		FEMININO		TOTAL	
		Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%
Idade	10-18 anos	5	8,5	1	8,3	6	8,5
	19-30 anos	5	8,5	2	16,7	7	9,9
	31-45 anos	14	23,7	5	41,7	19	26,8
	46-60 anos	12	20,3	1	8,3	13	18,3
	acima de 60	10	16,9	2	16,7	12	16,9
	nao consta	13	22,0	1	8,3	14	19,7
	Total geral	59	100	12	100	71	100
Estado Civil	Solteiro	17	28,8	4	33,3	21	29,6
	Casado	32	54,2	5	41,7	37	52,1
	Viúvo	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Desquitado	1	1,7	0	0,0	1	1,4
	nao consta	9	15,3	3	25,0	12	16,9
	Total geral	59	100	12	100	71	100
Profissão	Agricultor	16	27,6	0	0,0	16	22,5
	Operário	17	29,3	1	7,7	18	25,4
	Profis. Do lar	0	0,0	7	53,8	7	9,9
	Aposentado	5	8,6	0	0,0	5	7,0
	Outros	9	15,5	3	23,1	12	16,9
	nao consta	11	19,0	2	15,4	13	18,3
	Total geral	58	100,0	13	100,0	71	100
Método	Arma de fogo	8	13,6	0	0,0	8	11,3
	Enforcamento	41	69,5	9	75,0	50	70,4
	Arma Branca	1	1,7	0	0,0	1	1,4
	Envenenamento	9	15,3	3	25,0	12	16,9
	Total geral	59	100	12	100	71	100

Fonte: Dados do Instituto Médico Legal de Toledo- 1993/2002.

Outra variável que nos chamou a atenção foi referente aos meses do ano que registraram maiores frequências de suicídios. Em todos os períodos estudados houve uma concentração maior de suicídios nos meses de março e abril (conforme Tabela IV), meses iniciais do outono. Esta constatação contrasta com índices de outras cidades e estados brasileiros – obtidos por várias pesquisas⁸ – que indicam nos meses de primavera uma maior concentração de suicídios. O entendimento desta diferenciação do que ocorre na cidade de Toledo, acreditamos está alicerçada na própria história, organização sócio-econômica e cultural deste espaço, o que discutiremos a seguir.

⁸ Uma síntese de diferentes pesquisas que tematizaram o suicídio a partir de diferentes variáveis, como os meses de maior incidência, pode ser encontrada em Felix (2002).

Tabela IV - Ocorrências de Suicídios por Mês e por Período na Cidade de Toledo/PR

MÊS	Período			TOTAL
	1954-1979	1980-1993	1994-2002	
Janeiro	0	2	4	6
Fevereiro	1	2	6	9
Março	4	7	9	20
Abril	4	8	13	25
Maiο	1	0	3	4
Junho	3	1	6	10
Julho	3	2	3	8
Agosto	3	0	6	9
Setembro	1	1	6	8
Outubro	2	1	8	11
Novembro	1	2	2	5
Dezembro	4	1	5	10

Fonte: Inquéritos Policiais (1954 a 1993) - NDP / UNIOESTE e Fórum da Comarca de Toledo; Dados do IML/Toledo.

5 Transformações sócio-econômicas no campo e o fenômeno do suicídio

Com base nos dados apresentados no tópico anterior, referentes aos registros de suicídio cometidos na cidade de Toledo, durante um período de 48 anos (1954-2002), levantamos algumas discussões sobre possíveis fatores sociais responsáveis por este tipo de óbito no município, analisando, principalmente através das postulações dos estudos sociológicos que têm como base o trabalho fundador de Émile Durkheim, os resultados encontrados. Numa realidade marcada por transformações sócio-econômicas que ao longo dos anos alteraram o perfil da cidade e da região em que ela se insere – o Oeste Paranaense –, como o processo de modernização da agricultura, o êxodo rural, a urbanização, o desemprego, enfatiza-se a relação destas transformações – que atingiram especialmente os habitantes do campo – e as taxas de suicídio verificadas.

Ao realizarmos um estudo do suicídio no Brasil é preciso citar a diversidade regional, que é um dos traços mais marcantes da realidade brasileira, país ocupado por diferentes etnias, culturas e tradições que ora se mantêm, ora se alteram. Partindo do princípio que cada sociedade reproduz sua cultura no interior do indivíduo, através de normas e modo de organizar as experiências, formando traços coletivos, o estudo do suicídio se apresenta nesta região como algo bastante importante, pois se trata de uma região ocupada mais intensivamente há apenas cinco décadas e que carece de estudos que desvelem suas especificidades.

O processo de ocupação do Oeste do Paraná, iniciado na década de 40, fez-se efetivo somente no final da década de 50 quando, estimuladas pelos primeiros esforços

para implantação de um sistema viário que viabilizou e impulsionou a produção de excedentes para a comercialização, as áreas rurais experimentaram incrementos substanciais de população. Ao longo deste período (décadas de 1940 e 1950) inúmeros núcleos urbanos foram se formando para dar suporte à agricultura em expansão. Neste contexto de acelerado crescimento populacional, a região Oeste no início da década de 70, concentrava cerca de 750 mil habitantes, sendo que apenas 19,9% da população vivia nas áreas urbanas. No início da década de 80 a população rural decresceu, por outro lado, o ritmo de crescimento da população urbana atingiu um índice de 12,5% ao ano.

A tabela V evidencia as alterações das populações urbana e rural nas três maiores cidades pertencentes a microrregião de Toledo.

Tabela V – Participação das Populações Urbana e Rural na Comarca de Toledo – 1960 a 2000

Município	População	1960	1970	1980	2000
Marechal Cândido Rondon	Total	4.426	43.776	56.210	41.007
	Urbana	2.954	7.166	25.039	31.246
	Rural	1.472	36.610	31.171	9.761
Palotina	Total	3.469	43.005	28.253	25.771
	Urbana	951	5.214	12.854	20.740
	Rural	2.518	37.791	15.399	5.031
Toledo	Total	24.959	68.885	81.287	98.200
	Urbana	5.926	15.040	43.029	85.920
	Rural	19.033	53.845	22.477	12.280

Fonte: Censos populacionais do IBGE – Paraná

Esta tabela nos permite acompanhar o crescimento populacional da região desde a década de 60 até o ano de 2000, explicitando melhor a mudança no perfil das cidades em termos de densidade populacional nos espaços rural e urbano. Estas transformações na concentração da população são decorrência de transformações sócio-econômicas que, por sua vez, são chaves importantes para a compreensão dos índices de suicídio na cidade de Toledo.

A cidade de Toledo, até o final da década de 70, apresentava uma economia predominantemente agrícola, com a maioria de sua população – 53.845 mil habitantes (78,16%) – concentrada no campo, como se pode observar na Tabela V. Assim, apresentar a maioria das ocorrências de suicídios no meio rural, não sugere nenhuma anormalidade. Porém, a partir da década de 80 a cidade de Toledo começa a passar por algumas mudanças, inclusive na relação entre população urbana (52,93%) e rural (47,07%), que parecem refletir-se também nas mortes por suicídio.

Na década de 80, o impacto da modernização agrícola teve significativas repercussões no conjunto das relações sociais na região. Quebraram-se os vínculos societários tradicionais e a microrregião de Toledo, bem como o Oeste do Paraná, tornou-se um espaço buscado para o enriquecimento rápido e fácil. Segundo Schallenger e Colognese

(1994, p.24), “A terra deixou de ser um espaço social de produção da subsistência e de reprodução das relações familiares. Assumiu, progressivamente, o caráter de um meio de produção de mercadorias”. O processo de transformações resultante da modernização agrícola é definido da seguinte forma:

Trata-se de um processo com alto grau de seletividade sócio-econômica e tecnológica, que tem suas expressões mais visíveis na difusão da mecanização, no uso de insumos e equipamentos de origem industrial, na especialização da produção, na concentração da propriedade rural, no êxodo rural e na acelerada urbanização. Este processo resultou fundamentalmente de fatores externos à região; particularmente no âmbito da dinâmica dos capitais e das políticas do Estado, embora os fatores endógenos tenham favorecido a sua rápida difusão. (COLOGNESE, 1999, p.55)

A realidade sócio-econômica também se alterou devido ao aparecimento de novos sujeitos no cenário econômico regional com, por exemplo, a instalação da Frigobrás SÁDIA em Toledo, além de outras agroindústrias de menor porte. Entretanto e por outro lado, o ingresso das famílias vindas do campo em virtude da modernização agrícola poupadora de mão-de-obra nas empresas, não aconteceu de maneira muito fácil: “A inserção destes trabalhadores rurais na produção industrial não foi nada harmônica. A separação da família dos seus meios produtivos e a sua integração na produção industrial levaram à desagregação das antigas relações familiares” (SCHREINER, 1997, p.88).

O surgimento de novos personagens no cenário da cidade e concomitantemente nas estatísticas de suicídio é um fato constatável na TABELA II – referente ao período de 1980 a 1993 –, pois mesmo o número total de suicidas tendo se mantido estável, já começa a haver algumas mudanças no perfil desses indivíduos, mudança visível principalmente no que se refere à profissão. Se nos primeiros anos (período 1954-1979) os agricultores representavam 51,81% dos suicidas, na década de 80 e início da década de 90, esse percentual diminuiu para 18,51%. Neste período, o suicídio entre os operários representou igual percentual, bem como entre as chamadas profissionais do lar.

É no último e mais curto momento estudado (1994-2002) que aconteceu um crescimento brusco nas taxas de suicídio registradas em Toledo. Num espaço de 8 anos aconteceram 56,8% do total das mortes registradas em 48 anos. Em 2000 a população rural de Toledo (apresentada na TABELA V) correspondia a 12.280 habitantes (12,50% da população total) ao passo que a urbana representava já 85.920 (87,49% do total da população). Parecendo confirmar a afirmação de Durkheim, que diz que as atividades industriais e comerciais são as que registram mais suicídios, as mortes por suicídio concentraram-se neste período, principalmente no que se refere à profissão, entre os operários. Estes representaram 25,35% dos suicídios (a maior porcentagem). Porém, mesmo a população rural representando somente 12,50% da população total o número de mortes por suicídio entre agricultores manteve-se num patamar bastante alto, ou seja, 22,53% das mortes por suicídio. Fato que pode estar relacionado com as mudanças trazidas pela agricultura moderna e as exigências de mercado colocadas ao pequeno proprietário que, sem condições de acompanhar tais exigências, apela muitas vezes para

atos extremos.

De fato, a microrregião de Toledo – como a região Oeste do Paraná quase como um todo – foi palco representativo da chamada modernização da agricultura brasileira, na qual a forma de produzir está fortemente associada às técnicas ditas modernas (uso de defensivos, máquinas agrícolas, sementes especiais, etc.), que precisam ser constantemente financiadas. Isto significa que as relações capital / trabalho / terra se estreitaram para muitos produtores, sendo também geradoras de conflitos para tantos outros, vinculados tradicionalmente a uma produção alicerçada no trabalho familiar com dispêndio de pouco capital.

Assim, embora as taxas apontem para uma autoviolência maior entre os operários no último período estudado (1994-2002), esse percentual está longe de torná-lo predominante, pois o suicídio no campo manteve-se muito alto não só em Toledo como em outras cidades, como Palotina e Marechal Cândido Rondon, cidades estas que também passaram por mudanças no seu perfil tradicional, concentrando a maioria da população na cidade.

Tabela VI - Suicídio entre agricultores no período de 1994-2002

Cidade	1994-2002	Participação de suicídio no período analisado (%)
Agricultores de Toledo	16	23
Agricultores de Marechal C. Rondon	24	41
Agricultores de Palotina	4	17

Fonte: Laudos do IML de Toledo- 1994-2002.

Esses dados nos sugerem que em nível de representações concretas, decorrentes da realidade e do conjunto das relações conflitivas na sociedade, a modernização aparece de forma dúbia: por um lado, como responsável pela melhoria das condições de trabalho, principalmente no que se refere à introdução de máquinas e equipamentos, aumentando assim a produtividade e a rentabilidade das propriedades, até mesmo das pequenas; por outro lado, esse mesmo processo passa a exigir novas posturas dos produtores rurais no sentido de adequarem-se às exigências do mercado, tornando-os mais individualistas, competitivos. Neste sentido, muitas circunstâncias parecem fugir do controle do indivíduo, situações que parecem se enquadrar no que Durkheim (1996, p. 204) chama de anomia, pois “depende não do modo como os indivíduos estão presos à sociedade, mas da maneira como esta os rege”.

A mudança nas relações econômicas no campo em cidades como Toledo, pode ter levado ao rompimento de alguns laços fortes, inclusive o de uma agricultura de base familiar. O suicídio entre os agricultores pode ter suas causas nessa modernização poupadora de mão-de-obra que ocasionou o processo de endividamento de muitos pequenos agricultores, acarretando um acelerado grande êxodo rural e ocasionando, quiçá, a busca de alternativas mais drásticas para resolver problemas, como a autoviolência que leva a morte.

Além das pressões e tensões geradas pela modernização, deve ressaltar-se que em 1994 a COOPAGRO – Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste do Paraná, cooperativa de grande porte cuja sede localizava-se na cidade de Toledo, fechou suas portas – após um processo conturbado marcado por desmandos vários – acarretando inúmeros prejuízos e deixando seus associados em situação dificultosa. Neste ano e nos subseqüentes, até 1999, a agricultura passou por dificuldades quanto aos preços dos produtos que estavam ‘deprimidos’. O preço da soja, produto agrícola intensamente produzido na região e introduzido com a modernização, sentiu especialmente os efeitos desta ‘depressão’ do mercado, pois é um produto que tem grande parcela da produção exportada e o câmbio vigente no período era pouco favorável para o comércio externo. Outro fator que nos faz acreditar nesta hipótese é a constatação apresentada na TABELA IV que mostra um maior número de suicídios nos meses de março e abril, época da colheita de safra de soja. Este dado pode estar relacionado com o comprometimento dos agricultores com empréstimos bancários, com dívidas feitas para a própria aquisição de insumos para a próxima plantação, etc.

Algumas outras questões importantes não diretamente relacionadas com a discussão anterior merecem ser destacadas. Com relação ao sexo constatou-se o que todos os autores estudados verificaram, o predomínio absoluto entre os homens, como bem afirma Durkheim (1996, p.39): “a aptidão das mulheres para a morte voluntária está longe de ser superior ou equivalente a do homem; o suicídio é uma manifestação essencialmente masculina”.

Embora seus dizeres sejam datados – o autor escreveu sobre uma realidade observada no século XIX –, num contexto bastante diferente do atual, e no qual as mulheres eram ‘excluídas do convívio social’, consideramos que ainda hoje, culturalmente, há uma dificuldade maior em encarar os ‘fracassos’ por parte dos homens, especialmente se estes são econômicos. As dificuldades em manterem-se representando papéis historicamente instituídos como masculinos, aliadas às dificuldades sócio-econômicas, podem ter aumentado o risco de suicídio entre os homens, enquanto que entre as mulheres as mudanças trazidas pela modernidade parecem não ter afetado sensivelmente as tendências para o suicídio visualizadas em outros momentos históricos. Isto pode significar que as mulheres têm melhores estratégias de adaptação às dificuldades da vida prática, sendo mais cobradas pelos fracassos de ordem afetiva ou por ‘deslizes’ no cumprimento dos papéis naturalizados de ‘mães, esposas e donas de casa’, contra os quais reagem de formas diferentes.

No que se refere às variações de suicídio entre os diferentes estados civis, nos três períodos estudados constatou-se um maior número de suicidas casados, entre ambos os sexos, coincidindo com a afirmação de Durkheim que constatou que os celibatários se matam menos que os casados. Porém, o número de homens foi sempre superior ao de mulheres.

A última série estudada (1994-2002) revela alguns fatores bastante característicos do cotidiano da vida moderna. Embora o grande percentual de suicídios tenha ocorrido entre indivíduos situados na fase adulta (entre 31 e 60 anos), houve um considerável aumento de suicídio tanto entre os jovens (10 a 18 anos) quanto entre os velhos (acima de

60 anos).

Minayo (1998, p.6) fala desse aumento do suicídio entre os jovens: “é preciso observar que, se do ponto de vista geral, no Brasil as taxas de suicídio são mais ou menos constantes, vivemos um período histórico de incremento das taxas de suicídio e de homicídio entre jovens”. A autora alerta ainda para os estudos dos especialistas, pois “estamos assistindo a um aumento concomitante de violência por homicídio e por suicídio nas faixas etárias de 15 a 39 anos, o que pode mais um forte indicador da crise social que atravessa o país” (MINAYO, 1998, p.7). Para esta autora, a dificuldade em conquistar um emprego, uma problemática comum a jovens – que estão tentando entrar no mercado de trabalho – e também entre os velhos que dificilmente encontram emprego nesta etapa da vida, pode gerar um sentimento de incapacidade que leva ao suicídio.

Considerações finais

Ao finalizar este trabalho percebe-se que, apesar dos limites encontrados no desenvolvimento da pesquisa proposta, a investigação concluída tem importância significativa no sentido de abrir as portas para explorar, discutir e problematizar este tema – o do suicídio – ainda carente de investigações mais sistemáticas em nossa região. Investigações vindas de diferentes áreas do saber – como as Ciências Sociais – podem trazer contribuições fundamentais para uma melhor compreensão desta realidade específica.

Após revisar algumas das principais discussões em torno da problemática do suicídio, tanto no campo *psí* quanto no campo social, buscou-se fazer uma discussão sobre este fenômeno na cidade de Toledo desde a data da fundação da Comarca de Toledo até o ano de 2002.

Durante todo o desenvolvimento deste trabalho foi possível verificar os limites que o estudo desta temática apresenta, a dificuldade na obtenção dos dados sobre os sujeitos e a precariedade de informações contidas nos inquéritos policiais e nos laudos do IML. A precariedade das informações ou, por vezes, a ausência completa delas não tornou possível estabelecer uma relação com níveis sócio-econômicos, religião e escolaridade, dados que talvez pudessem clarear essa discussão, conforme propõe Durkheim em sua análise.

Por outro lado, o estudo buscou discutir as relações entre as transformações sócio-econômicas – como a modernização da agricultura, o êxodo rural e o endividamento que forçou o ingresso de muitos pequenos proprietários rurais no meio urbano – e o suicídio, entendendo que tais relações contribuíram para a constituição de um certo perfil do suicídio na cidade de Toledo. Constatou-se que mesmo havendo um grande aumento da população urbana na cidade de Toledo (tornando-se esta predominante), os vínculos com o campo ainda são bastante visíveis. Embora tenha aumentado o número de casos de suicídio no meio urbano, ainda foi muito freqüente o número de mortes por suicídio no campo. O acompanhamento desta trajetória demonstrou a grande complexidade da vida moderna, das dificuldades que podem levar um indivíduo, tanto a cometer um crime contra a vida alheia, quanto dar fim a sua própria vida.

Pensa-se que um trabalho como este consegue apresentar mais indagações, questionamentos e problematizações do que conclusões. Espera-se que outros estudos da área social se incluam no vasto campo que se abre a cada nova investida sobre este objeto que tem sido delegado preferencialmente a outros domínios do conhecimento.

Referências

- ARON, R. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRAET, H.; VERBEKE, W. *A morte na idade média*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CASSORLA, R. M. S. *O que é suicídio*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CASSORLA, R. M. S. (coord.) *Do suicídio: estudos brasileiros*. Campinas: Papirus, 1991.
- COLOGNESE, S. Identidade e organizações étnicas entre descendentes de italianos. *Tempo da Ciência - Revista de Ciências Sociais e Humanas da UNIOESTE Campus de Toledo*, n. 14, p.55, 1999.
- ÉMILE, D. *O suicídio: estudo sociológico*. Rio de Janeiro: Presença, 1996.
- KOSSOBUDZKI, L. A.; FORTE, P. Mortalidade por suicídio na cidade de Curitiba durante os anos de 1978 a 1983. *Psicologia Argumento*, ano VII, n.7, p.97-111, jun. 1987.
- FELIX, S. A. *Geografia do crime: interdisciplinaridade e relevâncias*. Marília: Marília-Unesp-Publicações, 2002.
- GREGORY, V. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970)*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- JAMISON, K. R. *Quando a noite cai: entendendo o suicídio*. Rio de Janeiro: Gryphus Editora, 2002.
- LEÓN, L. M.; BARROS, M. B. A. Mortes por suicídio: diferenças de gênero e nível socioeconômico. *Cadernos de saúde Pública*, v.37, n.3, p. 1-11, jun. 2003.
- LOPES, F. H. *O suicídio sem fronteiras: entre a razão e a desordem mental*, 1998. Dissertação (Programa de Estudos Pós-Graduação em História) – UNICAMP, 1998.
- MINAYO, M. S. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v.4, n.2, p. 1-10, abr./jun. 1998.
- NUNES, C. R. O. et al. Psicologia, ethos e suicídio (na região de Blumenau). *Dynamis*, v. 9, n. 37, p. 79-87, out./dez. 2001.
- NUNES, E. D. O suicídio reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 1, p. 1-16, jan./mar. 1998.
- PERIS, A. F. (org). *Estratégias de desenvolvimento regional*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2003.
- SCHALLENBERGER, E.; COLOGNESE, S. A. *Migrações e comunidades cristãs: o modo de*

ser evangélico-luterano no Oeste do Paraná. Toledo: EDT, 1994.

SCHREINER, D. F. *Cotidiano, trabalho e poder. A formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná*. Toledo: EDT, 1997.

SILVA, B. (coord. geral). *Dicionário de Ciências Sociais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1987.

Fontes

Inquéritos Policiais da Comarca de Toledo (1954-1979) – Núcleo de Documentação, Informação e Pesquisa – NDP, UNIOESTE / Campus de Toledo.

Inquéritos Policiais da Comarca de Toledo (1980-1993) – Fórum da Comarca de Toledo.

Laudos referentes a casos de suicídio (1994-2002) – Instituto Médico Legal de Toledo.

Censos Demográficos (1960-2000) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Recebido para publicação em 04/04/05

Aceito para publicação em 11/05/05